

Brasília em festa

O coração brasiliense ainda pulsa forte pelo reconhecimento da cidade como patrimônio cultural da humanidade. A única capital do mundo a ostentar o título, seu conjunto arquitetônico — genuinamente brasileiro — entra nessa lista nobilíssima ao lado da Acrópole, dos templos de Luxor e Karnak, do Taj Mahal e da Grande Muralha da China. Os ecos da outorga se fazem ouvir aqui, em todo o País e ganham o mundo.

E, em meio à justa alegria de todos os que a amamos, reverenciamos os 80 anos de Oscar Niemeyer, completados no último dia 15. Ele se trançou aqui mesmo, longe dos abraços — ou, por outra, deixou-se estar, na atitude discreta e modesta que o caracteriza —, enquanto a imprensa abria colunas e janelas para registrar o aniversário daquele que representa o momento maior da criatividade brasileira.

A Brasília em festa também acorreram Lúcio Costa e Burle Marx. Com Oscar, voltaram a formar o trio extraordinário que, em plena atividade, opina, sugere, trabalha e ainda faz brotar idéias para Brasília, que colsa fantástica!

Sem dúvida, é motivo de festa a singular circunstância de a cidade, bela e jovem, ter o privilégio de poder acolher os homens que a criaram. De longe os vi reunidos, conversando. Talvez estivessem sonhando com Brasília. A exuberância e os cabelos revoltos de Burle Marx contrastavam com a postura de reflexão de Lúcio e Oscar num canto de

Águas Claras, os três certamente imersos no assunto obsessivo que lhes marcou as vidas e os notabilizará na posteridade, Brasília.

Vendo-os ali, fiquei pensando como seria oportuno, urgente até, fazer com que eles se encontrassem em torno de uma mesa e falassem, falassem sem prosálicos compromissos de hora, sobre suas vidas e Brasília, contassem a história do passado e abrissem a perspectiva do futuro da cidade. Filmada a reunião, sem preocupação com aspectos técnicos irrelevantes, estaria pronto, para a memória de Brasília e para a cultura brasileira, um documento de valor inestimável.

Também foi festa a vinda do professor Bardi, que se incorporou às comemorações que aconteciam em Brasília. Figura superlativa e vital para a arte brasileira contemporânea, ele tem sabido conservar e ampliar, com invulgar competência, excepcional acervo do Museu de Arte de São Paulo, uma das mais arrojadas iniciativas de Assis Chateaubriand.

Por falar nele, na reunião do Cauma realizada a propósito da decisão da Unesco, o conselheiro Benedito Domingos foi muito feliz em citar o Velho Capitão. “A vida é uma festa. Quando chegamos, ela já começou; quando saímos, ela ainda não terminou”.

Foi sob esse espírito do grande Chateaubriand que o Conselho se reuniu, e aqui vale uma especial observação sobre a atuação desse órgão na vida da cidade. Instituído em

28 de março de 1961 como Conselho de Arquitetura e Urbanismo (Cau), ganhou em 1987 um acréscimo em seu nome e a função de estudar também assuntos relativos ao meio ambiente e hoje virou Cauma.

O Conselho com muita razão se rejubilava, pois decisiva tem sido sua atuação nos destinos de Brasília. Ele representa, por assim dizer, a consciência da cidade. Coíbe abusos, contém vorazes apetites de interesses muitas vezes escusos e mantém a integridade da concepção original de nossa capital.

A propósito, cabe registrar o lúcido pronunciamento do empresário Paulo Otávio sobre a decisão da Unesco. Ao contrário de outros nomes do mercado imobiliário local, indignados com a redução de novas oportunidades de negócios — uma visão imediatista, predatória e destituída de qualquer vestígio de preocupação com o futuro de Brasília —, Paulo demonstrou grandeza e sensibilidade quando disse que a partir de agora os imóveis se valorizarão ainda mais porque estarão localizados num território que passa a ser patrimônio cultural da humanidade.

É verdade. A moça Brasília não será mais molestada. Não passará pelo que sofreu, muito recentemente, a Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. Lá também havia um Plano Diretor, de autoria justamente de Lúcio Costa. Mas ele foi olímpicamente desobedecido e hoje aquele deslumbrante pedaço da paisagem carioca se transformou num hediondo

palliteiro e daqui a dez, vinte anos, poderá tornar-se nada mais que um favelão, como sucedeu com a bela Copacabana. A ferocidade de certos cidadãos em busca do lucro não conhece limites. Salam da frente monumentos, jardins e obras de arte que o trator vai passar e levantar mais cortiços verticais! Não se trata, caro leitor, da visão ingênua ou quixotesca de um conservacionismo plegas, mas da luta saudável por preservar o que temos de bom e amável em nossas vidas.

A festa em Brasília prossegue com o Natal. Pena que não teremos mais aquela iluminação feérica no Eixo Monumental. Brasília não vestirá a gala que merece, sobretudo agora que sua nova condição lhe impõe uma roupagem à altura do título que conquistou no plenário cultural mais qualificado do mundo.

Mas, “last but not least”, dentre as festas deste final de 1987, uma houve que me tocou o coração e se encaixou como luva nas homenagens prestadas à cidade. Foi o lançamento de meu segundo livro, “O Outro Lado do Concreto Amado”, mais uma sincera manifestação de amor a Brasília. Êxito absoluto nos belos salões da Casa da Manchete, significou também forte estímulo para que eu continue na louvação à cidade que adotei. Ao abraçar o governador Aparecido, que tanto se empenhou em favor da conquista outorgada pela Unesco, convenci-me de que Assis Chateaubriand tinha razão.